

A MULHER NA 10ª BRIGADA DE INFANTARIA MOTORIZADA¹

Ananias Gomes da Silva Pereira

Resumo: O estudo sobre a trajetória da mulher no Exército Brasileiro, a priorizar as organizações militares, 14º Batalhão Logístico e 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, ambas localizadas em Recife - PE. Revela-nos a constante evolução das conquistas de mulheres no mercado de trabalho, a presença da mulher em profissões majoritariamente masculina, ressalta cada vez mais o potencial do gênero independente de sua definição. A presente pesquisa trata da relação de trabalho de mulheres militares nos quartéis do Exército Brasileiro, a questão da relação de gênero na caserna com o intuito de analisar a estrutura da formação de mulheres nos estabelecimentos de ensino militar e suas relações de trabalho. A partir de um levantamento bibliográfico inicial que será possível fazer uma investigação das interações sociais do cotidiano das mulheres militares. Em suma, a pesquisa foi desenvolvida por meio de fontes qualitativas e primárias, analisando as entrevistas concedidas por mulheres que estão em pleno serviço militar ativo.

Palavras-chave: Mulheres, Militares, Exército, Gênero.

¹Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Historia Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Historia Militar.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa trata da relação de trabalho da mulher nos quartéis do Exército Brasileiro, nas organizações militares do 14º Batalhão Logístico e 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, ambas localizadas em Recife - PE. E para atingir os objetivos foi preciso elaborar um projeto de pesquisa, tendo como referencial teórico a história oral. Para a realização da pesquisa foi organizado e seguido um roteiro de perguntas feitas às pessoas entrevistadas. “Entrevista sem projeto não é história oral”. (MEIHY, 2005, p.14).

As entrevistas com as militares ocupam lugar de suma importância na elaboração deste projeto, é na verdade, a fonte primária desta pesquisa pelo fato de serem testemunhas oculares e por falar com propriedade de suas experiências de vida em optar por uma carreira majoritariamente masculina, sendo um divisor de águas, em exercer com grau de paridade com os homens, funções, cargos e encargos dentro do Exército Brasileiro.

Todas as entrevistas seguiram um roteiro de perguntas, feitas a todas as pessoas entrevistadas (apêndice A). Segundo Meihy. “Pergunta de corte é uma questão que perpassa todas as entrevistas e que deve referir à comunidade de destino que marca a identidade do grupo analisado”. (MEIHY, 2005, p. 176).

Segundo Thompson “os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito de que perguntar”. (THOMPSON, 1992, p.25). A elaboração do roteiro de perguntas foi igual para todas as entrevistadas, são mulheres que estão trabalhando dentro das Organizações Militares do Exército Brasileiro, sem distinção de patentes, idades e condição social.

Para se fazer um trabalho de história oral, não basta apenas alguém munido de um ou uma filmadora e a existência de um ou mais depoentes dispostos a dar entrevistas. É preciso um projeto que guie as escolhas, especifique as condutas e qualifique os procedimentos do começo ao fim. (MEIHY, 2005, p. 173).

Por meio deste instrumento de pesquisa foi possível fazer entrevistas com as mulheres militares para obter uma análise de narrativas “Deve-se dar atenção especial à escolha da rede, pois ela implica no início do trabalho prático”. (MEIHY, 2005, p. 177).

Tendo como instrumento de pesquisa a história oral, este projeto também tem por finalidade fazer um registro da memória individual e coletiva das colaboradoras que vivem essas experiências de vida profissional em um ambiente militar.

Os projetos de história oral promovem uma mediação significativa entre a memória e a história. A responsabilidade documental da história é que dá sentido à memória como tema para a história. Uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais. (MEIHY, 2005, p.62-63).

As entrevistas com as mulheres militares têm por objetivo fazer uma análise da relação de trabalho que as organizações militares vêm tendo com o emprego de mulheres nos diferentes quadros e serviços da instituição. O principal objetivo é fazer uma análise de como as mulheres estão lidando com a vida militar, seja nos seus anseios pessoais e profissionais. Através da história oral é possível conhecer melhor como lidar com essas aspirações.

A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (THOMPSON, 1992, p.26).

A história oral possibilita que as pessoas registrem as suas memórias, fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos.

A tabela 1 apresenta as características pessoas e profissionais das participantes da presente pesquisa.

2. Narrativas de militares

A presente pesquisa trata da relação de trabalho de mulheres militares nas organizações militares, 14º Batalhão Logístico e 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, ambas localizadas em Recife-PE, a questão da relação de gênero na caserna com o

intuito de analisar a estrutura da formação de mulheres nos estabelecimentos de ensino militar e suas relações de trabalho nos quartéis.

A partir de um levantamento bibliográfico inicial que será possível fazer uma investigação das interações sociais do cotidiano das mulheres militares, bem como a forma de ingresso das mulheres militares de carreira na linha militar bélica de ensino permitido a candidatas do sexo feminino (Lei 12.705, de 8 de agosto de 2012).

Como afirma Raymond Caire (2002, p. 52), com a organização da Cruz Vermelha, ao final do século XIX, as mulheres foram autorizadas a participar como enfermeiras nos campos de batalha.

A presença das mulheres em situações de conflitos como na Guerra do Paraguai foi destaque nas memórias do General Dionísio Cerqueira. Essas mulheres que seguiam o exército não tinham medo de coisa alguma. Iam às avançadas mais perigosas levar a bóia dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegarem-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estacarem o sangue, montá-los na garupa e conduzi-los aos hospitais. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combate, e as pontas das lanças formavam os salientes nas cargas dos seus regimentos. (CERQUEIRA, 1980, p. 300).

Segundo Caire (2002, p. 57), as mulheres tiveram efetiva participação na Primeira Guerra Mundial. Elas não participavam dos combates e atuavam como auxiliares nos exércitos, contudo, houve exceções, em sua maioria, mulheres de origem oriental ou eslava que foram incorporadas em organizações clandestinas ou em tropas regulares nos exércitos da Polônia, na Servia as mulheres voluntárias serviram como soldados nos exércitos regulares e algumas atingiram a graduação de suboficial.

Caire (2002, p. 61) afirma que, foi no serviço de saúde que o recrutamento de mulheres se mostrou sobremaneira importante. Foi na Inglaterra e nos Estados Unidos que apareceram as primeiras enfermeiras amparadas por estatuto militar. Na França, as enfermeiras civis tinham acabado de substituir as religiosas nos hospitais militares quando o conflito eclodiu. Finalmente, as organizações benemerentes da Cruz Vermelha de todos os países beligerantes vieram, uma vez mais, a colaborar com os serviços de saúde dos exércitos.

Na Inglaterra, as enfermeiras militares constituíram vários corpos antes mesmo do início das hostilidades. Tais corpos eram constituídos por membros da ativa e de uma

reserva auxiliar importante. Em 1881, o Serviço de Enfermeiras do Exército (*Army Nursing Service*) e o Serviço de Primeiros Socorros – FANY (*First Aid Nursing Yeomanry*) tinham sido criados a partir de enfermeiras civis.

O Exército Brasileiro também faz menção da atuação da mulher na ORDEM DO DIA², em leitura alusiva ao dia do Exército. “MÃO AMIGA, ao emprestar aos aliados feridos nas duas grandes Guerras Mundiais a competência e a sensibilidade da mulher brasileira, representadas pelas enfermeiras do Exército que serviram nessas contendas. Hoje, nossas militares, discípulas de Maria Quitéria, heroína da independência, constituem parcela indispensável da dimensão humana da nossa Força, em absoluta igualdade de direitos e devêes no seio da instituição”.

Tabela 1 – Características pessoais e profissionais das mulheres entrevistadas

Nº	Posto / Graduação	Nome Completo	Formação	Local de Serviço
01	3º Sargento (Temporária)	Júlia Jéssica Matias do Nascimento Silva	Técnica de Enfermagem	14º Batalhão Logístico, em Recife – PE
02	1º Tenente (Temporária)	Izabella Cristina Xavier Lins	Odontologia	14º Batalhão Logístico, em Recife – PE
03	3º Sargento (Temporária)	Ketima Ferreira da Silva	Nutrição	10ª Brigada de Infantaria Motorizada, em Recife – PE
04	Capitão QCO	Caroline Vasconcelos Martins	Direito	10ª Brigada de Infantaria Motorizada, em Recife – PE

Fonte: Elaboração do autor, 2020.

2.1 Júlia Jéssica Matias do Nascimento Silva

A Terceiro Sargento Julia Jéssica Matias do Nascimento Silva tem 34 anos de idade, solteira, atualmente é responsável pela farmácia do Batalhão, sua qualificação militar é na área de saúde, Técnica de Enfermagem e está cursando o curso de Farmácia.

Ananias: Boa tarde!

Júlia: Boa tarde!

Ananias: Como você tomou conhecimento da carreira militar?

Júlia: Através de amigos, eles conversavam comigo e tal... Daí eu me interessei.

² EXÉRCITO BRASILEIRO<http://www.eb.mil.br/web/noticias/alusivos-e-ordem-do-dia/-/asset_publisher/QKzf8DsobUm1/content/dia-do-exercito-brasileiro-19-de-abr-2> Acesso em 28 de abril de 2019.

Ananias: Quantas vezes você tentou esse concurso?

Júlia: Duas vezes, na segunda fui aprovada graças a Deus.

Ananias: Qual o nome do seu estabelecimento militar de formação?

Júlia: Formei-me no 14º Batalhão de Infantaria Motorizado.

Ananias: Você possui parentes militar na família?

Júlia: Sim, eu tenho um irmão que é da Polícia Militar e um primo que é da Polícia Federal.

Ananias: Qual a sua influência para ingressar na carreira militar?

Júlia: Nenhuma, fui eu que me interessei mesmo e quis, não teve influência por parte da família.

Ananias: Como foi para você a experiência da formação militar, em lidar com instruções de armamento, ordem unida, acampamentos, legislações e uniformes?

Júlia: Nossa! Foi um susto me ver fardada, foi um susto até pra minha família também. Nossa! Foi bem interessante, eu me senti bem com a farda, quando estou fardada me sinto mais poderosa.

Já com o armamento foi difícil lidar com a pistola, com o fuzil até por conta do barulho mesmo, foi bem difícil, mas hoje em dia está tranquilo, bem normal.

Como relação à Ordem Unida, não é minha atividade preferida, mas como faz parte da carreira militar, se tiver que fazer não tem problemas, vamos fazer. Com relação à parte de legislação, foi um pouco difícil, até por que sou da área de saúde, mas agora estou adaptada, faz parte do meu dia-a-dia.

Ananias: Você percebeu alguma diferença na relação dos instrutores com os instruendos homens e mulheres?

Júlia: Sim, eu percebi que com os homens eles eram mais rígidos, com as mulheres nem tanto.

Ananias: Você já recebeu algum favorecimento nas atividades da formação pelo simples fato de ser mulher?

Júlia: Não, até por que não precisava.

Ananias: Você também teve instrutora no seu ano de formação?

Julia: Não, infelizmente não.

Ananias: Você acha mais adequado a presença de uma instrutora para auxiliar na formação de mulheres?

Júlia: Sim, claro, até porque quando você entra lá no curso é tudo masculino, então você olha e vê uma pessoa como você, feminina lhe ensinando lhe mostrando as coisas também seria interessante.

Ananias: Quais os motivos que te levaram a optar pela carreira militar?

Júlia: Acho que era um sonho meu entrar e seguir a carreira, eu sempre tive a consciência que seria difícil, nada é fácil, mas esse sonho não me frustrou, muito pelo contrário, ele continua vivo.

Ananias: Após a formação militar, quais locais você já serviu?

Julia: Eu sou temporária, só fiz o curso no 14º Batalhão de Infantaria Motorizado e vim pra cá mesmo o 14º Batalhão Logístico.

Ananias: Quais funções você já exerceu e como foi o seu desempenho na nova função?

Júlia: Como eu sou sargento de saúde, eu exerço normalmente a mesma coisa, nunca exerci função diferente da minha formação.

Ananias: Como foi a recepção de seus pares e superiores com a sua pessoa?

Júlia: Ah! Foi muito bem, fui muito bem recebida por todos.

Ananias: Você já realizou missões no exterior?

Júlia: Não, infelizmente não.

Ananias: Você fez ou pretende fazer uma graduação ou uma pós-graduação em instituição de ensino civil?

Júlia: Estou cursando graduação, faço Farmácia.

Ananias: Há incentivo para a continuidade dos estudos de aperfeiçoamento e pós-graduação?

Júlia: Sim, por parte das pessoas, sempre que converso com as pessoas eles falam para continuar os estudos.

Ananias: Você emprega os conhecimentos desses cursos no desempenho de suas funções?

Júlia: Sim, agora sim, como eu sou a responsável pela farmácia então uniu o útil ao agradável.

Ananias: Qual era seu estado civil antes de entrar na carreira militar?

Júlia: Eu estava namorando, agora estou solteira.

Ananias: Tem filhos ou ainda pretende ter?

Júlia: Tenho um filho de 4 anos.

Ananias: A constante possibilidade de transferência interferiu na vida pessoal?

Júlia: Eu nunca tive transferência.

Ananias: Como você percebe a maternidade na carreira militar?

Júlia: Quando eu cheguei já tinha um filho então não tive essa experiência.

Ananias: A carreira militar influenciou na sua vida conjugal?

Júlia: Sim.

Ananias: Como você observa as relações de trabalho entre homens e mulheres? São iguais?

Júlia: Sim, são iguais nunca vi diferença.

Ananias: Como você se relaciona com as atividades domésticas?

Júlia: A mulher não para, ainda mais eu que tenho um filho, então quando chego em casa sempre tem alguma coisa pra fazer.

Ananias: Como é ser mulher e ser mulher militar?

Júlia: Muita gente tem certo preconceito quando vê uma mulher fardada, fica olhando um pouco estranho achando que isso é mais adequado para um homem, mas eu não vejo dessa forma, eu não tenho dificuldade nenhuma, desde que eu cheguei aqui sempre fui muito bem recebida por todos.

A maioria aqui são homens e em nenhum momento eu me senti menor ou desfavorável pelo fato de ser mulher, então eu me sinto bem, muito bem realizada, até por que foi um sonho, eu que conquistei isso, então me sinto bem.

A entrevista com a 3º Sgt Julia foi realizada no dia 21 de outubro de 2019, no seu local de trabalho no 14º Batalhão logístico, na cidade de Recife - PE.

2.2 Izabella Cristina Xavier Lins

A Primeiro Tenente Izabella Cristina Xavier Lins tem 36 anos de idade, é casada, atualmente exerce a função de dentista no 14º Batalhão Logístico, sua qualificação militar é na área de saúde, é formada em Odontologia, possui Especialização e Mestrado em Odontopediatria atualmente está fazendo Doutorado em Clínica Integrada na Universidade Federal de Pernambuco.

Ananias: Boa tarde!

Izabella: Boa tarde!

Ananias: Como você tomou conhecimento da carreira militar?

Izabella: Eu fazia curso de Aperfeiçoamento em cirurgia no Hospital Militar de Área do Recife, eu ainda era civil, então eu vi que o meio militar, apesar de ainda existirem falhas ele é bem mais organizado do que o Programa de Saúde Familiar, por que eu já trabalhei no Programa de Saúde Familiar, então é um meio mais organizado, que a gente se sente mais confortável pra trabalhar com toda estrutura, equipamentos e tudo mais. Aí eu comecei a ver que eu gostava de seguir a carreira militar, como sou uma pessoa organizada, me identifiquei muito com a hierarquia e a disciplina da carreira militar.

Ananias: Quantas vezes você tentou esse concurso?

Izabella: Eu tentei duas vezes só, na primeira eu era recém formada ainda não tinha Especialidade, daí eu nem tive como concorrer, na segunda vez eu já tinha uma bagagem de cursos pra poder concorrer com os demais.

Ananias: Qual o nome do seu estabelecimento militar de formação?

Izabella: Formei-me na 2ª Cia de Guarda.

Ananias: Você possui parentes militar na família?

Izabella: Não, meu pai é da Polícia Federal, mais militar mesmo das Forças Armadas não, ninguém.

Ananias: Qual a sua influência para ingressar na carreira militar?

Izabella: Foi minha participação no curso de cirurgia que fiz no Hospital Militar de Área do Recife e vendo também os meios publicitários na televisão, vendo as atividades odontológicas, fui procurar um pouco como era e tentei também concursos pra Escola de Saúde do Exército, tentei também pra Aeronáutica.

Ananias: Como foi para você a experiência da formação militar, em lidar com instruções de armamento, ordem unida, acampamentos, legislações e uniformes?

Izabella: Pois é! Com relação ao armamento eu senti muita dificuldade quando me disseram que eu tinha que atirar de Fuzil, por que eu sou pequena e não tenho muita empunhadura para atirar com armamento grande e até o receio, até por que meu pai era da Polícia Federal e sempre me dizia pra gente não tocar em armas então a gente sempre obedecia isso, já tinha hierarquia em casa, mas como tinha que atirar também de Fuzil, esse desafio também foi superado.

Com relação a Ordem Unida, todos os dias tínhamos esse treinamento, os instrutores eram muito tranquilos, eles só mudaram mais perto do Campo por que tinha que ter uma formação mais militarizada, mas sempre antes de ter o Campo eles davam instrução, eles repetiam para aquele que não conseguiam fazer de imediato, foi tranquilo essa atividade.

Nas atividades de Campanha, eles tentaram pegar um pouco mais pesado com a gente, até pra gente ver como era a realidade do que seria o militarismo, como seria sobreviver em uma guerra ou até em uma missão real ou coisa do tipo, foi bom por que aprendi a superar muitos desafios como rastejar no chão, a unha, não existe mais unha bonita, cabelo cheio de terra, mas, tranquilo adorei a experiência, teve rapel no meu campo também adorei fazer e superar meu medo de altura, dormi também no bivaque nunca eu imaginei que ia dormir na chuva e é assim quando você vê as fotos aí você diz, nossa! Eu consegui fazer tudo isso, e é isso que me motiva, eu vibro muito com isso.

Na parte administrativa realmente eu ainda tenho algumas dúvidas, por ser da área de saúde eu não tive muita instrução sobre essa parte, mas sempre que tenho dúvidas aparece alguém pra ajudar.

Com relação aos uniformes eu gosto muito do branco quando eu tiro plantão me sinto mais feminina com esse uniforme.

Ananias: Você percebeu alguma diferença na relação dos instrutores com os instruendos homens e mulheres?

Izabella: Não, na minha formação foi tudo igual, mesmo tratamento.

Ananias: Você já recebeu algum favorecimento nas atividades da formação pelo simples fato de ser mulher?

Izabella: Não, favorecimento não.

Ananias: Você também teve instrutora no seu ano de formação?

Izabella: Sim, tive uma instrutora da 7ª Região Militar, ela dava instrução de sindicância e também foi pro campo com a gente.

Ananias: Você acha mais adequado a presença de uma instrutora para auxiliar na formação de mulheres?

Izabella: Sim, na parte de instrução no campo, podem acontecer algumas coisas que é melhor ter uma mulher para lidar com as mulheres, considero muito importante a presença de uma instrutora.

Ananias: Após a formação militar, quais locais você já serviu?

Izabella: Servi na 10ª Companhia de Engenharia e Combate em São Bento do Una – PE, meu claro foi pra lá, depois eu fui transferida pra cá mesmo o 14º Batalhão Logístico, por que tive filho e ficava ruim a logística de passar alguns dias longe dele, por que eu tenho residência fixa aqui em Recife - PE.

Ananias: Quais funções você já exerceu e como foi o seu desempenho na nova função?

Izabella: Eu já exercia a função de dentista antes de vir pra cá pra o 14º Batalhão Logístico, mas lá na 10ª Companhia de Engenharia e Combate, em São Bento do Una – PE, eu tirava serviço de fiscal de dia também, aqui no batalhão na ausência do Capitão fico como Comandante de Companhia e também auxilio nas relações públicas do batalhão nas formaturas.

Ananias: Como foi a recepção de seus pares e superiores com a sua pessoa?

Izabella: Muito respeitosa sempre foram muito cordiais, graças a Deus, nunca peguei um comando ruim de trabalhar com o seguimento feminino.

Ananias: Você percebeu alguma diferença nas relações entre os superiores, par e subordinada com a chegada de uma mulher oficial e ainda depois, com a ascensão no posto militar?

Izabella: Não, assim, só uma vez quando eu fui Fiscal em São Bento do Una, os recrutas às vezes não queriam prestar tanta atenção nas orientações que a gente fazia na Parada Diária, no Pernoite, pela voz não ser tão alta e não ter tanta entonação daí eu tinha que pedir pra eles prestarem atenção se posicionarem por que eu estava falando e passando orientações que era pra segurança do quartel né, então pronto fora isso todo mudo aqui nos trata muito bem.

Ananias: Como você observou a atitude de seu cônjuge em sua carreira militar?

Izabella: Ele sempre incentivou, até por que minha carreira é na área de saúde de qualquer forma é tanto que ele gostou que hoje ele é militar também, está servindo no Hospital Militar de Área do Recife.

Ananias: Você já fez ou pretende fazer uma graduação ou uma pós-graduação em instituição de ensino civil?

Izabella: Sim, todas as pós-graduações que eu fiz foram no meio civil, fora o aperfeiçoamento de cirurgia que foi no Hospital Militar de Área do Recife.

Ananias: Há incentivo para a continuidade dos estudos de aperfeiçoamento e pós-graduação?

Izabella: Sim, por que é tanto que eu não tenho todos os horários aqui, são trinta horas e eu estou conseguindo fazer Doutorado.

Ananias: Você emprega os conhecimentos desses cursos no desempenho de suas funções?

Izabella: Sim, aqui eu exerço odontopediatria todos os dependentes trazem as crianças eu atendo todas, é bem tranquilo.

Ananias: Qual era seu estado civil antes de entrar na carreira militar?

Izabella: Eu estava casada, casei em 2013 e em 2015 eu entrei no exército.

Ananias: Tem filhos ou ainda pretende ter?

Izabella: Tenho um filho de 3 anos.

Ananias: A constante possibilidade de transferência interferiu na vida pessoal?

Izabella: Eu só fui transferida uma vez, pra mim foi por interesse próprio então vim pra Recife.

Ananias: Como você percebe a maternidade na carreira militar?

Izabella: No exército a gente consegue ter os seis meses de licença maternidade mais se juntar com um mês de férias fica sete então fica muito tempo pra gente ficar com o filho.

Ananias: A carreira militar influenciou na sua vida conjugal?

Izabella: Sim, como meu esposo me levava para São Bento do Una ele tinha contato e isso fez com que ele também seguisse a carreira.

Ananias: Como você observa as relações de trabalho entre homens e mulheres? São iguais?

Izabella: Sim, são iguais nunca vi diferença.

Ananias: Como você se relaciona com as atividades domésticas?

Izabella: Então quando termina as atividades militares começam as atividades do lado pessoal né, cuidar do filho, da casa e ver se está faltando alguma coisa, é normal.

Ananias: Qual a profissão de seu cônjuge?

Izabella: Ele é dentista e militar.

Ananias: Há uma divisão das atividades domésticas?

Izabella: Não chega a ser uma divisão, e sim é uma ajuda mútua, quando ele vê que eu estou com o meu filho e tem alguma coisa pra fazer ele faz, sem problemas, ele sabe cozinhar a gente meio que divide as coisas.

Ananias: Como é ser mulher e ser mulher militar?

Izabella: Pois é, é um pouco difícil mesmo, como a gente ainda somos minoria, tem algumas questões pessoais que a gente não pode estar falando o tempo todo e se

acontecer alguma missão a gente tem que estar bem disposta independente de estar com TPM ou não, se o filho está doente ou não, é ter que arranjar um plano “b”.

Então ser mulher militar é você querer saber dividir todo o seu tempo, saber se organizar pra que as atividades dêem certo e também não se esquecer do lado feminino, por que o uniforme camuflado já não ajuda, então tem também que não deixar cair o lado feminino pra manter a auto-estima.

A entrevista com a 1º Tenente Izabella Lins foi realizada no dia 21 de outubro de 2019, no seu local de trabalho no 14º Batalhão logístico, na cidade de Recife - PE.

2.3 Ketima Ferreira da Silva

A Terceiro Sargento Ketima Ferreira da Silva tem 37 anos de idade atualmente é viúva, exerce a função de auxiliar do Aprovisionamento, sua qualificação militar é na área de nutrição, é formada em Nutrição, Pós-Graduada em Controle da Qualidade e Segurança dos Alimentos e Nutrição Esportiva.

Ananias: Boa tarde!

Ketima: Boa tarde!

Ananias: Como você tomou conhecimento da carreira militar?

Ketima: Então foi através de amigos que comentaram e eu fui atrás pra descobrir melhor sobre a carreira militar.

Ananias: Quantas vezes você tentou esse concurso?

Ketima: Eu fiz na Marinha duas vezes passei, mas não fui, e depois quando eu descobri a primeira vez no Exército eu fiz e já passei de imediato, graças a Deus.

Ananias: Qual o nome do seu estabelecimento militar de formação?

Ketima: Formei-me no 7º Grupamento de Artilharia em Olinda-PE.

Ananias: Você possui parentes militar na família?

Ketima: Sim, tenho primos e primas que são da Polícia Militar de São Paulo e meu sogro é militar reformado da Aeronáutica.

Ananias: Qual a sua influência para ingressar na carreira militar?

Ketima: Na verdade não por influência de ninguém, foi realmente a curiosidade de conhecer como seria eu sempre admirei bastante as Forças Armadas de um modo geral, mas não teve assim uma pessoa específica não, foi mais curiosidade minha mesmo de conhecer.

Ananias: Como foi para você a experiência da formação militar, em lidar com instruções de armamento, ordem unida, acampamentos, legislações e uniformes?

Ketima: Então é, o armamento no primeiro momento eu me assustei né, nunca tinha pegado numa arma na minha vida, só visto, por que meu pai foi Porteiro, foi Vigilante e ele usava arma, então eu só tinha visto, mas ele não levava a arma pra casa né, então eu conheci na formação eu tive um pouco de medo no primeiro momento, mas depois eu fui me adaptando e inclusive eu fui uma das melhores atiradoras de Fuzil.

Com relação a Ordem Unida, é aquela questão da repetição, pra pode ter a excelência, a questão da atividade física vamos dizer assim, pra mim é excepcional, por que você poder todos os dias ter a oportunidade de começar o trabalho com uma atividade física é maravilhoso e faz bem pra saúde enfim, pra mim é excepcional, quem dera que todas as profissões pudessem ter antes de começar o trabalho uma atividade física diária.

Com relação à parte administrativa, eu trabalho com a administração aqui no refeitório e nunca tive nenhuma dificuldade, a gente está sempre acompanhando as mudanças, sempre vamos nos adaptando.

Nas atividades de Campanha, não tenho nenhuma dificuldade, eu adoro trabalhar em equipe, inclusive gosto bastante, com relação aos uniformes é muito curiosa essa pergunta, todos os dias quando eu vou me fardar eu agradeço a Deus por que pra mim é uma honra poder vestir essa farda tenho orgulho dela, é como se eu estivesse me vestindo de uma armadura, de verdade, embora eu sou nutricionista, eu também uso bata né, mas eu gosto muito, assim tenho prazer gosto muito.

Ananias: Você percebeu alguma diferença na relação dos instrutores com os instruendos homens e mulheres?

Ketima: Não, na minha formação foi tudo muito igual, o que o homem passou a mulher passou também, eu senti só um pouco de cuidado, só isso nada de favorecimento.

Ananias: Você já recebeu algum favorecimento nas atividades da formação pelo simples fato de ser mulher?

Ketima: Não, nunca.

Ananias: Você também teve instrutora no seu ano de formação?

Ketima: Não, só homem, capitão, tenentes e sargentos.

Ananias: Você acha mais adequado a presença de uma instrutora para auxiliar na formação de mulheres?

Ketima: Olha, eu não diria mais adequado seria interessante ter uma mulher, por que mulher entende mulher, mas a parceria homem e mulher formando na formação seria interessante.

Ananias: Quais os motivos que te levaram a optar pela carreira militar?

Ketima: Talvez a estabilidade financeira, a realização profissional e pessoal.

Ananias: Após a formação militar, quais locais você já serviu?

Ketima: Então, só no 7º Grupamento de Artilharia onde me formei e aqui na 10ª Brigada de Infantaria, que já estou no sétimo ano.

Ananias: Quais funções você já exerceu e como foi o seu desempenho na nova função?

Ketima: No exército a minha função sempre foi a mesma, de auxiliar do Aprovisionamento na parte de nutrição do refeitório e também sou auditora do Programa de Auditoria em Segurança Alimentar, de vez em quando sou convidada pra ir em outros quartéis realizar auditorias dentro dos refeitórios.

Ananias: Como foi a recepção de seus pares e superiores com a sua pessoa?

Ketima: Então, num primeiro momento quando eu vim pro rancho que é o refeitório do quartel, eu fui muito bem recebida, vamos dizer que por 99%, porém infelizmente, 1% apenas, talvez sentiu um pouco de ciúmes por que estava chegando uma mulher e nunca tinha tido uma mulher aqui na Brigada, então ficava esse receio, ah! Uma mulher agora vai chamar a nossa atenção, mas foi só no início mesmo, mas no geral eu sempre fui muito bem recebida, o pessoal me acolheu, me passou as coisas como era o procedimento, em fim tudo muito tranquilo.

Ananias: Como você observou a atitude de seu cônjuge em sua carreira militar?

Ketima: Então, meu cônjuge ele no começo sentiu um pouco de ciúmes, mas ele sempre teve mais orgulho do que cobrança, por causa da minha ausência devido a dedicação a carreira até minha filha também sentiu um pouco, mas eles sempre me apoiaram.

Ananias: Você já fez ou pretende fazer uma graduação ou uma pós-graduação em instituição de ensino civil?

Ketima: Sim, já fiz de nutrição, sou nutricionista e também já fiz duas pós-graduações estando aqui, em paralelo a minha carreira militar.

Ananias: Há incentivo para a continuidade dos estudos de aperfeiçoamento e pós-graduação?

Ketima: Sim, mas normalmente eu sinto que são as pessoas que tem buscado por interesse próprio.

Ananias: Você emprega os conhecimentos desses cursos no desempenho de suas funções?

Ketima: Sim, totalmente.

Ananias: Há um aproveitamento do curso que você realizou para o Exército Brasileiro?

Ketima: Muito, por que como eu trabalho em rancho e fiz o curso de Nutrição então eu atuo da melhor maneira aqui dentro com o conhecimento que eu aprendi lá fora.

Ananias: Qual era seu estado civil antes de entrar na carreira militar?

Ketima: Eu já estava casada.

Ananias: Tem filhos ou ainda pretende ter?

Ketima: Já tenho uma filha, ela tem 12 anos.

Ananias: A constante possibilidade de transferência interferiu na vida pessoal?

Ketima: Não.

Ananias: Como você percebe a maternidade na carreira militar?

Ketima: Quando eu entrei minha filha era pequena, ela tinha 3 anos, eu senti um pouco ausência algumas vezes.

Ananias: A carreira militar influenciou na sua vida conjugal?

Ketima: Não, só a questão de às vezes, estar um pouco ausente devido as missões, mas não atrapalhou em nada.

Ananias: Como você observa as relações de trabalho entre homens e mulheres? São iguais?

Ketima: Bem, aqui é bem tranquilo nunca vi diferença.

Ananias: Como você se relaciona com as atividades domésticas?

Ketima: Então eu me desgasto um pouco, por que quando chego em casa tenho que cuidar do filho e de outras coisas também, mais eu gosto de cuidar da minha casa mas sei que vou ter que me desdobrar um pouco mais.

Ananias: Como é ser mulher e ser mulher militar?

Ketima: Essa pergunta chega até a emocionar, ser mulher pra mim é tudo, se eu nascesse de novo, eu queria nascer mulher, embora sei que a mulher sofre muito, isso não é conversa fiada não, realmente a mulher sofre muito, mas pra mim é um dom ser mulher, ser mãe e ser militar é surreal, é motivo de orgulho e de gratidão, então ser mulher e ser militar pra mim se resume em uma palavra, gratidão.

A entrevista com a 3º Sgt Ketima foi realizada no dia 22 de outubro de 2019, no seu local de trabalho na 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, na cidade de Recife - PE.

2.4 Caroline Vasconcelos Martins

A Capitão Caroline Vasconcelos Martins tem 31 anos de idade, é casada, sua qualificação militar é na área de direito, é militar de carreira do Quadro Complementar de Oficiais do Exército, formada pela Escola de Formação Complementar do Exército.

Ananias: Boa tarde!

Caroline: Boa tarde!

Ananias: Como você tomou conhecimento da carreira militar?

Caroline: Através da família, eu sou filha de militar então eu já sabia que existia a Escola de Formação Complementar do Exército.

Ananias: Quantas vezes você tentou esse concurso?

Caroline: Uma só.

Ananias: Qual o nome do seu estabelecimento militar de formação?

Caroline: Escola de Formação Complementar do Exército.

Ananias: Você possui parentes militar na família?

Caroline: Só meu pai.

Ananias: Qual a sua influência para ingressar na carreira militar?

Caroline: Foi considerável por parte da família, na verdade em parte pelo ambiente e por meio do meu pai também, pelo ambiente por que desde criança cresci na Vila Militar e eu amava aquilo né, então a pessoa cria uma paixão pelo exército e por parte dele por que ele sempre perguntava, e aí, não vai tentar a prova da Escola de Formação Complementar do Exército? Costumava sempre me lembrar dessa opção de carreira.

Ananias: Como foi para você a experiência da formação militar, em lidar com instruções de armamento, ordem unida, acampamentos, legislações e uniformes?

Caroline: Durante a formação, bem no início eu me sentia um pouco estranha quando pegava em arma e fazia as atividades físicas cantando aquelas canções mais operacionais, mas depois que eu me ambientei foi tudo tranquilo, na verdade eu gosto muito.

Na verdade o que me incomoda é, por exemplo, quando tem formatura pegam todas as mulheres e colocam pra ser recepcionista, eu entendo os motivos que levam a fazer isso, de ter uma abordagem mais sutil tem mulheres vindo, é um ambiente com muito mais homens, mas eu não gosto muito da situação de só por ser mulher fica sendo recepcionista, eu já pedi, por exemplo, pra me colocar em forma junto com a tropa.

Nas atividades de campanha, como eu não tenho filhos, não tenho dificuldades pra fazer essa atividade, não vou dizer que gosto, como gosto de correr, de atirar, mas faço numa boa.

Na parte de legislação, como eu sou da área de direito, eu tenho facilidade nessa parte né, a única coisa que eu acho que poderia melhorar é que como tem muitas mudanças e não tem muita compilação, por exemplo, aí fora, se uma lei altera outra lei quando você acessa a lei original tem a versão compilada que já sai com todas as alterações, já nas nossas portarias são muitas alterações e você tem que consultar cada aba.

Com relação ao uniforme acho muito bonito, confortável e adoro usar e acho muito prático também por que é muito menos gasto de tempo pra escolher e de dinheiro também. Eu me sinto muito bem de farda, agora sinto falta de poder usar o cabelo solto, de usar bijuterias que compro por que tem uma série de restrições, mas de uma forma geral eu gosto, acho até que faz sentido.

Ananias: Você percebeu alguma diferença na relação dos instrutores com os instruendos homens e mulheres?

Caroline: Não, na verdade tive um tratamento bem igualitário e sempre fui respeitada.

Ananias: Você já recebeu algum favorecimento nas atividades da formação pelo simples fato de ser mulher?

Caroline: Não, favorecimento não

Ananias: Você também teve instrutora no seu ano de formação?

Caroline: Tive algumas.

Ananias: Você acha mais adequado a presença de uma instrutora para auxiliar na formação de mulheres?

Caroline: Não acho, tanto faz, tem que misturar tudo mesmo.

Ananias: Após a formação militar, quais locais você já serviu?

Caroline: No Hospital Central do Exército no Rio de Janeiro, no Departamento de Educação e Cultura do Exército também no Rio de Janeiro e depois vim pro Recife onde servi no Comando Militar do Nordeste e agora na 10ª Brigada de Infantaria Motorizada.

Ananias: Quais funções você já exerceu e como foi o seu desempenho na nova função?

Caroline: Por ser do Quadro Complementar de Oficiais do Exército eu sempre fiquei na assessoria de apoio para assuntos jurídicos, na época que eu entrei era chamada de simplesmente assessora jurídica, no Hospital Central do Exército inicialmente como adjunto e depois como chefe, do Departamento de Educação e Cultura do Exército só como adjunto, por que havia vários militares mais antigos, no Comando Militar do Nordeste também como adjunto, só assumia a chefia quando o chefe estava de férias ou coisa desse tipo e aqui na 10ª Brigada de Infantaria Motorizada eu já vim pra assumir a chefia.

Ananias: Como foi a recepção de seus pares e superiores com a sua pessoa?

Caroline: Sempre muito boa.

Ananias: Você percebeu alguma diferença nas relações entre os superiores, par e subordinada com a chegada de uma mulher oficial e ainda depois, com a ascensão no posto militar?

Caroline: Não, dos subalternos sempre tive muito respeito e dos superiores sempre foi muito tranquilo.

Ananias: Você já realizou missões no exterior?

Caroline: Não.

Ananias: Como você observou a atitude de seu cônjuge em sua carreira militar?

Caroline: Bom, antes de a gente casar a gente fez um acerto né, que é eu sou militar, se eu for transferida você vai sem reclamar, por outro lado ele gostaria que eu não buscasse uma transferência e eu tenho sido leal a isso que me prejudica bastante na carreira, eu gostaria de ser instrutora, eu não sou por que não tem local pra isso em Recife, eu gostaria de servi em Brasília já recebi vários convites pra servir em órgãos diferentes, lá tem várias oportunidades pra carreira e eu não vou, bom, basicamente, é isso missão no exterior eu acho que não seria o problema por ser algo mais temporário, acredito que não seria um problema pra ele.

Ananias: Você já fez ou pretende fazer uma graduação ou uma pós-graduação em instituição de ensino civil?

Caroline: Eu não fiz, e eu gostaria muito de fazer inclusive eu sinto muita falta de ter mais oportunidade por parte do Exército pra mestrado e doutorado para o Quadro Complementar de Oficiais do Exército, eu tenho muitos colegas que buscam fora e depois trazem para o Exército.

Ananias: Há incentivo para a continuidade dos estudos de aperfeiçoamento e pós-graduação?

Caroline: Não,

Ananias: Qual era seu estado civil antes de entrar na carreira militar?

Caroline: Eu era solteira.

Ananias: Tem filhos ou ainda pretende ter?

Caroline: Eu pretendo ter, mas não tenho certeza se vou ter e se for ter vou demorar bastante ainda.

Ananias: A constante possibilidade de transferência interferiu na vida pessoal?

Caroline: Não.

Ananias: Como você percebe a maternidade na carreira militar?

Caroline: Não vejo diferença pra qualquer outra carreira, pelo contrário acho que tem uma série de benefícios da carreira pública como licença maternidade e acredito que aqui dentro seja até mais fácil do que em outros ambientes profissionais.

Ananias: A carreira militar influenciou na sua vida conjugal?

Caroline: Não, minha vida conjugal influenciou na minha carreira, mas não o inverso.

Ananias: Como você observa as relações de trabalho entre homens e mulheres? São iguais?

Caroline: Sim, são iguais nunca vi diferença.

Ananias: Como você se relaciona com as atividades domésticas?

Caroline: Bem, eu não tenho um terceiro turno em casa, faço só o básico como qualquer pessoa.

Ananias: Qual a profissão de seu cônjuge?

Caroline: Ele é Policial Federal.

Ananias: Há uma divisão das atividades domésticas?

Caroline: Sim.

Ananias: Como é ser mulher e ser mulher militar?

Caroline: Pois é, é uma pergunta tão abstrata né, mas é interessante as pessoas nas ruas às vezes param, chegam a dar parabéns e perguntam como é ser militar, os olhares normalmente são positivos de admiração, nunca tive nenhum problema por ser mulher e ser militar.

A entrevista com a Capitão Caroline Vasconcelos Martins foi realizada no dia 22 de outubro de 2019, no seu local de trabalho na 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, na cidade de Recife - PE.

3. CONCLUSÕES

As relações de trabalho de mulheres nos quartéis do Exército Brasileiro buscam atender uma paridade nas atividades por elas desenvolvidas, quer sejam nas funções técnicas administrativas ou nas atividades de exercício de campanha. Durante as entrevistas fiz perguntas sobre se houve alguma concessão ou favorecimento pelo fato de serem mulheres e todas foram unânimes em suas respostas afirmando que não tiveram e também não aceitariam algum tipo de favorecimento pessoal.

A primeira que entrevistei foi a Júlia Jéssica Matias do Nascimento Silva, sobre a relação de trabalho de mulheres no Exército Brasileiro, ela respondeu que são iguais e nunca viu diferença. Sobre a relação de gênero ela respondeu que muita gente tem certo preconceito quando vê uma mulher fardada, fica olhando um pouco estranho achando que isso é mais adequando para um homem.

Mas eu não vejo dessa forma, eu não tenho dificuldade nenhuma, desde que eu cheguei aqui sempre fui muito bem recebida por todos. A maioria aqui são homens e em nenhum momento eu me senti menor ou desfavorável pelo fato de ser mulher, então eu me sinto bem, muito bem realizada, até por que foi um sonho conquistado.

Sobre as relações de trabalho de mulheres militares nos quartéis do Exército Brasileiro a Izabella Cristina Xavier Lins, respondeu que são iguais e nunca viu

diferença, com relação à questão de gênero ela respondeu que é um pouco difícil mesmo, como ainda somos minoria, tem algumas questões pessoais que não podemos falar o tempo todo e se acontecer alguma missão, devemos estar bem dispostas. Então ser mulher militar é você saber administrar seu tempo, saber se organizar para cumprir as atividades e também não se esquecer de cuidar do lado feminino para manter a auto-estima.

Com relação ao trabalho de mulheres militares nos quartéis do Exército Brasileiro, Ketima Ferreira da Silva respondeu que é bem tranquilo, nunca viu diferença. Sobre a questão de gênero respondeu que chegava até a se emocionar, ser mulher é tudo, se eu nascesse de novo, queria nascer mulher, embora saiba que a mulher sofre muito, isso não é conversa fiada, porém é um dom ser mulher, mãe e ser militar é surreal, motivo de orgulho e gratidão, então ser mulher e ser militar se resume em uma palavra, gratidão.

A Caroline Vasconcelos Martins, sobre as relações de trabalho de mulheres militares nos quartéis do Exército Brasileiro, respondeu que são iguais, nunca viu diferença. Com relação ao gênero respondeu que é uma pergunta muito abstrata, mas é interessante, as pessoas nas ruas às vezes param, chegam a dar parabéns e perguntam como é ser militar, os olhares normalmente são positivos de admiração, nunca tive nenhum problema por ser mulher e ser militar.

Nas entrevistas com as mulheres militares do Exército Brasileiro, servindo nos quartéis 14º Batalhão Logístico e 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, ambos situados em Recife-PE. É possível perceber que existe grande satisfação pessoal e profissional, por fazer parte das Forças Armadas, a priorizar o Exército Brasileiro. O que percebi ao entrevistar essas profissionais é que são mulheres que buscaram este objetivo pra sua carreira profissional e de bônus desfrutam de grande satisfação pessoal, ao serem selecionadas em um processo com alto grau de qualidade, que privilegia a meritocracia por meio da avaliação de títulos das candidatas de forma igualitária, transparente e honesta, método esse que garante as convocadas fazer parte de um seleto processo da carreira militar.

Todas as entrevistas foram realizadas no local de trabalho das militares, ou seja, dentro dos quartéis. As militares entrevistadas queriam falar e colaborar com o projeto de pesquisa, ao fazer o primeiro contato, todas agiram de forma unânime em ceder à

entrevista e assinar o Termo de Cessão de Entrevista (apêndice B). Quando falava que queria saber sobre a relação delas com a vida profissional e pessoal na carreira militar, era nítido em suas expressões o grau de satisfação de fazer parte da instituição.

Na realidade existe um campo muito rico em história de vida de militares ainda a ser explorado, e ainda pouco se escreve sobre essas pessoas que vivem sempre em lugares diferentes da sua origem e até de seu país.

Pelas narrativas dessas militares percebi que algumas delas chegaram a se emocionar com os depoimentos sobre suas conquistas na carreira militar, todavia, essas mulheres fazem parte de pessoas que estão quebrando paradigmas na conquista de profissões majoritariamente masculinas.

Outras falaram que acabavam se identificando com a carreira militar por serem pessoas organizadas e gostarem de ordem e disciplina, atributos esses que são pilares da instituição.

REFERÊNCIAS

CAIRE, Raymond. **A mulher militar**: das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

GIRARDET, Raoul. **A Sociedade militar**: de 1815 aos nossos dias: tradução de José Lívio Dantas. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.

PERNIDJI, Joseph Eskenazi, MAURICIO, Eskenazi Pernidji. **Homens e mulheres na Guerra do Paraguai**. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

CERQUEIRA, Dionisio. **Reminiscências da campanha do Paraguai**, 1856 – 1870. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército [1980].

Revista do Exército Brasileiro, Vol.153 – 2º quadrimestre de 2017 – Edição Especial.

EXÉRCITO BRASILEIRO<http://www.eb.mil.br/web/noticias/alusivos-e-ordem-do-dia/-/asset_publisher/QKzf8DsobUm1/content/dia-do-exercito-brasileiro-19-de-abr-2> Acesso em 28 de abril de 2019.

Revista Vêde-Oliva – Ano XXXII – Nº 187 – Jan/Fev/Mar 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Apêndice A – Roteiro de Entrevista

1. Dados de identificação do entrevistado:

- 1) Nome completo:
- 2) Idade:
- 3) Estado civil:
- 4) Formação acadêmica:
- 5) Estabelecimento de ensino militar:
- 6) Ano de formação:
- 7) Posto e graduação atual:

2. Quais foram os meios do processo de formação no estabelecimento de ensino militar para concluir o curso e se formar militar do Exército Brasileiro:

- 8) Como tomou conhecimento da carreira militar?
- 9) Quantas vezes você tentou passar no concurso?
- 10) Qual o nome do seu estabelecimento militar de formação?
- 11) Possui parentes militar na família?
- 12) Qual a sua influência para ingressar na carreira militar?
- 13) Como foi para você a experiência da formação militar em lidar com instruções de armamento, ordem unida, acampamentos legislações e uniformes?
- 14) Há diferença na relação dos instrutores com os instruendos homens e mulheres?
- 15) Você já recebeu algum favorecimento nas atividades da formação pelo simples fato de ser mulher?
- 16) Você também teve instrutora no seu ano de formação?
- 17) Você acha mais adequado a presença de uma instrutora para auxiliar na formação de mulheres?
- 18) Quais os motivos que te levaram a optar pela carreira militar?

3. Sobre a carreira militar, onde serviu, funções exercidas, missões realizadas dentro e fora do país:

- 19) Após a formação militar, quais locais você já serviu?

- 20) Quais funções você já exerceu e como foi o seu desempenho na nova função?
- 21) Como foi a recepção de seus pares e superiores com a sua pessoa?
- 22) Você percebeu alguma diferença nas relações entre os superiores, pares e subordinados com a chegada de uma mulher oficial e ainda depois, com a ascensão no posto militar?
- 23) Você já realizou missões no exterior?
- 24) Como foi organizar a vida doméstica no exterior?
- 25) Como você observou a atitude de seu cônjuge em sua carreira militar?

4. Sobre a carreira profissional, cursos de aperfeiçoamento e pós-graduação:

- 26) Você já fez ou pretende fazer uma graduação ou uma pós-graduação em instituição de ensino civil?
- 27) Há incentivo para a continuidade dos estudos de aperfeiçoamento e pós-graduação?
- 28) Você emprega os conhecimentos desses cursos no desempenho de suas funções?
- 29) Há um aproveitamento do curso que você realizou para o Exército Brasileiro?
- 30) Quantos cursos militar você realizou na carreira?
- 31) Quantos cursos civis você realizou durante a carreira militar?

5. Sobre a vida afetiva, reprodutiva, casamento, separação, filhos, e relação com a família:

- 32) Qual era seu estado civil antes de entrar na carreira militar?
- 33) Tem filhos ou ainda pretende ter?
- 24) A constante possibilidade de transferência interferiu na vida pessoal?
- 35) Como você percebe a maternidade na carreira militar?
- 36) A carreira militar influenciou na sua vida conjugal?
- 37) Como você observa as relações de trabalho entre homens e mulheres? São iguais?
- 38) Como você se relaciona com as atividades domésticas?
- 39) Qual a profissão de seu cônjuge?
- 40) Há uma divisão das atividades domésticas?
- 41) Como é ser mulher e ser mulher militar?

Apêndice B - TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA

Eu, _____, estado civil _____, portador(a) da carteira de identidade número: _____, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em HISTÓRIA MILITAR. Do aluno Ananias Gomes da Silva Pereira, podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Da mesma forma, **autorizo o uso da gravação a terceiros**, ficando vinculado o controle da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Abdicó assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes. Sendo assim, concordo com as informações acima e assino duas (02) vias, das quais uma ficará em minha posse e a outra na posse do pesquisador.

Recife – PE, _____ de _____ de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem Ele nada do que foi feito se fez.

Agradeço ao meu pai, em memória, pela formação de caráter e ter me ensinado o respeito ao próximo.

Agradeço a minha mãe, pelos conselhos e aprendizado de uma longa vida.

Agradeço a minha esposa Carla Eloísa Ely Pereira, presente nos melhores momentos da minha vida e também do meu lado nos meus piores momentos, obrigado por me apoiar nas minhas decisões.

Agradeço ao 1º Sargento Gutemberg Dinis Silva, por ter me auxiliado nos contatos com as militares entrevistadas na 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, em Recife-PE.

Agradeço a 3º Sargento Julia Jéssica Matias do Nascimento Silva, pela confiança e disponibilidade em conceder de forma espontânea a entrevista.

Agradeço a 1º Tenente Izabella Cristina Xavier Lins, pela confiança e colaboração em conceder a entrevista.

Agradeço a 3º Sargento Ketima Ferreira da Silva, pela confiança e colaboração em conceder a entrevista.

Agradeço a Capitão Caroline Vasconcelos Martins, pela confiança e colaboração em conceder a entrevista.

Agradeço ao meu orientador professor Luiz Carlos Carneiro de Paula, pela dedicação, autenticidade e ajuda na construção deste trabalho.

Agradeço ao meu professor Luiz Augusto Rocha do Nascimento, da banca, pela excelente contribuição para a construção deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos os professores que contribuíram para a realização deste trabalho, pelo empenho em compartilhar de forma brilhante um conhecimento de alta qualificação presentes todas as etapas desta especialização.